

JENNIE MELAMED

O SILÊNCIO
DAS FILHAS



TOP
SEL
LER

«Uma obra que partilha o mesmo ADN
de *Nunca me Deixes*, de Kazuo Ishiguro,
e de *The Handmaid's Tale*, de Margaret Atwood.»

NEW YORK TIMES BOOK REVIEW

*Para os meus espantosos, talentosos
e magníficos mãe e pai*

PRÓLOGO

Vanessa sonha que é uma mulher crescida, carregada de carnes e preocupações. As suas duas filhas, ágeis e graciosas, estão a dançar e a pular na praia, enquanto ela as observa a partir da relva onde a areia acaba. Os seus vestidos esvoaçam, com uma brancura de giz, como polpa de maçã ou uma pedra descolorada pelo sol. Um sol cada vez mais quente estilhaça-se na superfície da água, e lascas luminosas deslizam sobre as minúsculas ondas como uma película despedaçada e brilhante. Uma das filhas detém-se para se virar e acenar desenfreadamente, e Vanessa, com o coração a doer de amor, acena-lhe de volta. As raparigas agarram os antebraços uma da outra e rodam em círculo, gritando de riso, até colapsarem sobre a areia.

Levantando-se e conferenciando com as cabeças muito juntas, erguem os seus vestidos e caminham com dificuldade mar adentro. *Não vão para demasiado longe!*, avisa Vanessa, mas elas fingem não a ouvir. Caminhando a passos largos, como umas garças estranhas, e molhando as bainhas, espreitam para dentro de água, à procura de peixes e caranguejos, até que a mais nova se vira para trás e grita: *Vamos nadar, mãe!*

Mas vocês não sabem nadar!, grita Vanessa desesperadamente. Negligentes, elas enfiam-se água adentro e começam a chapinhar para longe, esperneando com as suas pernas franzinas e debatendo-se com as mãos. Em breve, levadas por uma corrente poderosa, tornam-se cada vez mais pequenas. Vanessa tenta correr até à beira-mar, mas os seus pés estão encalhados, presos ao chão como raízes de árvores, e as suas pernas paralisadas como cepos mortos. Ela abre

a boca para chamá-las de volta, mas, em vez de incitar as suas filhas a regressarem à margem, dá por si a gritar: *Nadem mais depressa! Saiam daqui, fujam, imediatamente!* O sol desaparece e o mar torna-se escuro, redemoinhando e cuspindo, e os seus adorados rostos encolhem até se tornarem ciscos. Vanessa cerra os punhos, fecha os olhos, e grita de forma aguda: *Nunca mais voltem! Matar-vos-ei se cá voltarem! Juro que vos matarei a ambas, foda-se!* As raparigas desaparecem pelo horizonte dentro e Vanessa deixa cair a cara sobre as mãos e chora.

Ladra, sussurra uma voz que parece vir de toda a parte, ecoando e gemendo na sua caixa torácica. *Blasfema*. O chão amolece, e ela cai através de um mar de lodo escuro, para dentro do fogo negro e raivoso da escuridão das profundezas. Os seus ossos estalam como galhos. Virando a cabeça violentamente sobre o pescoço partido, ela vê as filhas a contorcerem-se a seu lado, com as suas pernas retilíneas e delgadas a dobrarem-se e a despedaçarem-se à medida que os seus vestidos brancos ardem.

Então, o pai está lá, abanando-a, segurando-a.

— Vanessa, acalma-te — diz ele, enquanto ela treme e chora-ninga. — É apenas um sonho.

Ela afrouxa os punhos e vê, à luz cinzenta da alvorada, que fez uns pequenos cortes escuros, em forma de crescentes, nas palmas das mãos.

— Estavas a sonhar com quê? — pergunta o pai, sonolento.

— Não me consigo lembrar — responde ela e, independentemente da frequência com que o sonho regressa para atormentá-la, dissolvendo-se ardentemente e cobrindo-lhe o cérebro, enquanto ela arfa e se guinda de volta à lucidez, ela diz-lhe sempre que não se consegue lembrar.

Sabe, instintivamente, que não se trata de algo que se deva dar livremente aos adultos, como uma flor ou um abraço. Aquele sonho, a obscura corporização da blasfémia, é um segredo vergonhoso tão firmemente enraizado como um dente ou uma unha. E o pai, resmungando vagamente enquanto lhe beija a testa suada, nunca lho tenta arrancar.

Às vezes, nas manhãs sonolentas que se seguem, Vanessa olha fixamente para a mãe e pergunta-se o que é que esta gritaria se ela estivesse a nadar para longe de si, em direção às terras devastadas.

PRIMAVERA

CAPÍTULO 1

Vanessa

A demorada aula de ortografia terminou, e o Sr. Abraham está agora a falar acerca de ensopar e curtir o couro. Enquanto ele continua a divagar acerca das técnicas para concentrar a urina, Vanessa inspira suave e cautelosamente, como se os seus pulmões estivessem prestes a ser escaldados pelo cheiro acre do couro a curtir nas suas cubas. O odor meio avinagrado, meio almiscarado paira no ar durante semanas no início da primavera, e ela já decidiu que nunca se casará com um curtidor ou, sequer, viverá próximo de um. Mantendo os olhos abertos e a cara atenta, divaga rumo a devaneios de verão. Quando Letty estica uma mão para trás, para coçar uma omoplata, e deixa cair um bilhete sobre a sua carteira, Vanessa sobressalta-se de volta ao presente. Usando as suas unhas roídas para apanhar e abrir o pequeno embrulho, lê:

Achas que foi a primeira vez dela?

Meia hora antes, Frieda Joseph rebentou em lágrimas enquanto tentava soletrar «nabo». Não eram lágrimas de frustração, mas sim grandes soluços secos e tragados, como se tivesse sido esmurrada na garganta. O Sr. Abraham levou-a para fora da sala de aulas durante algum tempo. Deve tê-la mandado para casa, porque regressou sem ela.

A cadeira de Frieda encontra-se vazia e destacada. Todas as raparigas à sua volta estão a olhar, cuidadosamente, noutra direção. Há uma mancha de sangue na madeira, brilhante e irregular, com uma gota escura e seca no chão. Toda a gente sabe que não estava lá ontem.

Vanessa está calada, perdida nas suas memórias, e Letty agita-se no seu assento e acaba por virar-se para lhe lançar um olhar inquiridor. Aborrecida, Vanessa encolhe-lhe os ombros, secamente.

Letty volta a virar-se para a frente e arranca um minúsculo canto de papel. Escreve qualquer coisa com o fino lápis de carvão, espreguiça-se extravagantemente e deixa-o cair sobre a carteira de Vanessa.

Ela pega no papel e coloca-o sobre o colo, semicerrando os olhos. O carvão está esborratado e mal consegue distinguir as palavras: *Que bebé. Eu não chorei na minha primeira vez.*

Vanessa morde a língua, em exasperação. Separando, cuidadosamente, um pedaço de papel do seu maço, escreve: *Mentirosa*. Esticando-se para a frente, deixa-o cair sobre o colo de Letty, como se fosse uma pequena borboleta amarela. Letty lança-lhe um olhar magoado, e depois vira-se diligentemente para o Sr. Abraham e finge-se interessada. Vanessa começa a enrolar a ponta da sua trança nos dedos, desejando estar lá fora, a correr.

Todas as raparigas usam tranças, fluidas e sinuosas sobre os ombros, e brincam com elas quando estão nervosas ou excitadas. É um tique profundamente arraigado e, quando as raparigas se tornam mulheres e põem o cabelo para cima, os seus dedos adejam inutilmente no ar, enquanto se tentam recordar do que lá não está. As bainhas são outro alvo favorito dos dedos distraídos e é raro o vestido de uma rapariga que ostente uma bainha impecável e bem costurada. Hoje, elas estão vestidas com o que quer que as suas mães tenham achado adequado para maio, o que deixa umas com frio e outras abafadas. Alguns dos vestidos são cor-de-rosa, derivada do sumo de bagas, e outros de cor amarela, derivada de raízes, ao passo que outros são, simplesmente, da cor esbranquiçada da lã fina. Os vestidos estão esborratados e manchados, encardidos nos sovacos e respingados com os vestígios de comerem desleixadamente. O verão destina-se a tecer e costurar intensamente, e os vestidos ou serão alargados ou esticados, firmemente esfregados e voltados a usar, ou dados a uma família com uma rapariga mais nova. Ao passo que as raparigas mais velhas usam, muitas vezes, vestidos novos e limpos, as mais novas andam sempre a nadar dentro de vestimentas puídas, prestes a desfazerem-se.

Enquanto o Sr. Abraham continua com a sua zoeira, Vanessa gostava de ter papel suficiente para desenhar, mas, há alguns anos,

os andarilhos decidiram que a ilha deveria produzir o seu próprio papel, em vez de contar com os maços que sobrassem das terras devastadas. O Sr. Joseph, o arboricultor, tem andado a fazer experiências, mas o lote deste ano é um falhanço extravagante; o papel esboroa-se e desintegra-se, bastando quase tocar-lhe. Ainda assim, elas sabem que não devem desperdiçá-lo. Quando Bobby Solomon desenhou um carneiro a expirar fogo numa das suas folhas, o seu professor, o Sr. Gideon, açoitou-o de tal modo que ele ficou a coxear durante dias.

O relógio parece movimentar-se mais devagar quando as três horas se aproximam, com os ponteiros a rastejarem e a gaguejarem. Vanessa pergunta-se se o Sr. Abraham se lembrou de lhe dar corda essa manhã. É uma coisa bonita, feita a partir de cobre das terras devastadas e cheia das engrenagens e rodas mais ínfimas que é possível, semelhantes a fulvos escaravelhos infinitesimais, tão pequenos que caberiam num dedo indicador. Por muito que o Pastor Saul goste de falar acerca do pecado e da guerra, Vanessa não consegue evitar pensar que eles andavam a fazer algo de correto nas terras devastadas, se tinham inventado uns aparelhos tão miraculosos.

Gabriel Solomon trouxe algumas peças para a escola, no ano passado, surripiadas ao seu pai relojoeiro, que recebeu os preciosos objetos dos andarilhos. As crianças reuniram-se em redor delas, sempre impressionadas pelos bens das terras devastadas, e começaram a tocar nas formas miniaturais e reluzentes. Às vezes, quando Vanessa vê as estrelas, imagina pequenas rodas dentadas e engrenagens de um relógio avariado, lançadas contra a escuridão. Desejava que o seu pai fosse relojoeiro, embora um andarilho seja muito mais importante. *O andarilho sagrado anda pelas terras devastadas sem se tornar parte da doença*, gosta de dizer o Pastor Saul. Certa vez, Vanessa perguntou a que doença é que ele se referia, mas a mãe não sabia. Perguntou ao pai, e ele falou-lhe das doenças que assolaram as terras devastadas depois da guerra. No entanto, não lhe falou realmente acerca da guerra; nunca o faz. Vanessa tentou várias maneiras cativantes de colocar perguntas ao pai — ele aprecia a sua esperteza, mas, apesar dos seus esforços, recusa-se a discutir

o assunto. Ela também não consegue descobrir nada a esse propósito na biblioteca. Tudo o que alguma vez aconteceu deve estar em livros, algures, mas nenhum daqueles a que ela tem acesso provou ser útil.

Finalmente, o relógio chega às cinco para as três. O Sr. Abraham apaga a grande ardósia diante da sala de aulas, limpando os detritos calcários da aprendizagem, e as crianças põem-se automaticamente de pé, com as cabeças curvadas e as mãos entrelaçadas. Cerimoniosamente, o Sr. Abraham pega numa cópia d'*O Nosso Livro*, o único livro alguma vez escrito na ilha. Está escrito à mão em papel das terras devastadas e encadernado com o couro mais resistente, mas, ainda assim, ele tem de usar um dedo para evitar que as páginas soltas esvoacem para o chão, como folhas mortas e sagradas.

— *A partir das chamas da iniquidade, crescemos para diante, como um ramo verde a partir de uma árvore podre* — lê ele. — *Das terras devastadas da carência, vieram os árduos trabalhadores da indústria e da promessa. Do terror assolado pela guerra vieram os nossos antepassados, para nos manterem protegidos dos perigos.* — Como todas as outras, Vanessa declama as palavras ao sabor das dele. — *Da poeira purificada e dizimada da calamidade vieram os florescimentos da fé e um novo caminho. Com os antepassados como nossos guias, cresceremos e prosperaremos num trilho reto e estreito. Ó antepassados, os santificados dez iniciais, implorem a Deus em nosso nome, e salvem-nos da impureza. Amen.*

— *Ámen* — repetem as raparigas.

Saem em silêncio da sala e depois dispersam, com os saltos dos sapatos a baterem no chão de madeira, como um punhado de seixos atirados para o chão. As raparigas misturam-se com as outras turmas, torrentes de rapazes com calças esfarrapadas e camisas compridas, e crianças mais novas a gritarem e a correrem alegremente em frente. Sarah Moses agarra no braço de Vanessa enquanto correm escadas abaixo, rumo ao ar húmido.

— *Aposto que vai chover não tarda* — diz Sarah, semicerrando os olhos na direção do céu enevoado.

O seu cabelo está frisado devido à humidade e transforma-lhe o contorno da cabeça numa auréola dentada.

— Ainda nem estamos em junho — responde Vanessa, irritada.
— Nunca chove antes de junho.

— Os pássaros do bosque já se estão a entocar nas árvores — explica Sarah, contente. — A mãe diz que isso é um sinal. O Tom tem andado a afiar pedras o inverno todo.

Vanessa revira os olhos. Tom Moses sonha em fazer armas, mas, até agora, a única coisa que fez foi atirar pedras e lançar setas, piando.

— Ele não devia estar a ajudar o teu pai a tecer? — pergunta ela a Sarah, sem rodeios.

— E ajuda. Este inverno fizemos imenso tecido, este ano a lã do Sr. Aaron é boa. Teremos pilhas depois do verão. As novas ovelhas que trouxeram das terras devastadas ajudaram mesmo. Às vezes, os borregos são malhados.

— Eu sei — responde Vanessa. Toda a gente foi ver os borregos malhados quando saíram de dentro das suas mães. Crescidos, parecem estar salpicados de lama, muito embora as chuvas ainda nem tenham começado. — Isso quer dizer que a lã é castanha?

— É mais ou menos cor de bronze. Não tem um ar sujo, é só diferente.

Vanessa acena com a cabeça, pensativamente, perguntando-se se os andarilhos tiveram de apanhar cada ovelha separadamente, ou se se tinham deparado com um rebanho inteiro. Os animais novos são raros, mas aquilo fora um golpe de sorte; cerca de metade dos borregos da ilha tinham começado a morrer devido a uma qualquer doença desconhecida, e a lã fora quebradiça e fraca durante anos.

Apesar do calor húmido, Vanessa desfruta da sua caminhada até casa. Os melros cantam nas árvores e as ervas altas e esguias tremem devido à invisível vida animal que têm por baixo; a investida ritmada de um coelho ou o ruído sussurrado de um gato a caçar. Evitando os campos de pastagens verdes e mais baixas, ela caminha pelos prados cor de âmbar, até à altura dos joelhos, deixando que as folhas lhe rocem as pernas com golpes ligeiros.

Em casa, a mãe fez biscoitos. Ben, o irmão de 3 anos de Vanessa, parece ter andado a comê-los o dia inteiro. Divertida, Vanessa

sacode-lhe migalhas douradas dos caracóis louros e é recompensada com um sorriso molhado e leitoso. A mãe chega ao seu lado com dois biscoitos de mel e milho sobre um prato de barro, e com leite fresco no copo vidrado favorito da filha. Atentamente, Vanessa mexe o leite com um dedo e observa as bolhas de natas fulvas a virem à superfície. Mergulha um biscoito e, cuidadosamente, lambe cada gota de natas que fica agarrada à massa doce que se esmigalha.

Há 8 anos, quando Vanessa tinha 5 e os seus avós beberam o xarope derradeiro, a família mudou-se para esta casa, deixando a antiga para a irmã da mãe. Tal como a maior parte das casas da ilha, é construída, quase na totalidade, com madeira das terras devastadas, tratada com uma tintura que repele a água, feita pelo Sr. Moses, o tintureiro. Embora a casa seja bem construída e resistente, a cozinha dos Adams é a melhor da ilha. O pai, que gosta de construir coisas, pôs-se a trabalhar na cozinha mal os pais dele foram enterrados, acrescentando-lhe umas gavetas especiais que podiam ser enchidas com farinha ou cereais, e umas barras de metal a diferentes distâncias da lareira, com uma porta de cerâmica para se fechar, de modo a que a divisão não se enchesse de fumo. Colocou pedras cinzentas e cor de alfazema a saírem da porta do forno, a mais próxima das quais podia ser usada para manter a comida quente. Vanessa lembra-se da mãe a dar voltas à cozinha nova, aturdida, sorrindo e lançando olhares alegres ao pai, cheios de um estranho desejo que Vanessa não conseguia quantificar.

A joia da coroa de toda a casa é a mesa da cozinha, também feita de madeira das terras devastadas, mas cintilando com vivos e iridescentes matizes de ouro e carmesim. A família do pai herdou-a ao longo de décadas, e apresenta as manchas do uso: uma marca queimada no meio, riscos ao longo das pernas, com cicatrizes louras. Para protegê-la de mais danos, a mãe cobriu-a, quase completamente, com uma grosseira esteira trançada, mas Vanessa gosta de levantar-lhe as pontas e passar os dedos pela madeira rosada, observando os óleos da sua pele a produzirem uma película gordurosa sobre ela.

— Vê lá se não entornas isso — diz a mãe quando Vanessa pressiona os dedos contra a mesa. — O pai quer que hoje vás para a cama

cedo — acrescenta ela. — Diz que não dormes o suficiente. — Vanessa olha para ela, mas a mãe está atarefada a raspar migalhas queimadas para dentro de um balde junto à parede. Suspirando, mergulha os dedos no leite e pressiona-os contra as migalhas de biscoito que sobram, fazendo uma pasta. — Ah, e a Janet Balthazar dará à luz em breve, pelo que assistiremos a isso. Provavelmente, nos próximos dias.

Vanessa estremece. Janet Balthazar teve dois deficientes, nascidos azuis, viscosos e mortos, como vermes afogados numa poça. Se tiver um terceiro deficiente, não lhe será permitido ter mais filhos. O marido dela, Gilbert, será encorajado a arranjar outra mulher. Ocasionalmente, as mulheres preferem beber o xarope derradeiro a viver sem filhos. O Pastor Saul gosta de elogiar essas mulheres.

Vanessa não consegue imaginar o calado e aborrecido Gilbert Balthazar a tomar quaisquer decisões importantes. Provavelmente, ele e Janet tornar-se-ão velhos e tristes, e depois morrerão discretamente e sem alarido, quando ele for demasiado inútil para fazer o que quer que seja. Com sorte, nessa altura, ele já terá ensinado outra pessoa a forjar. Todos os rapazes querem aprender, apostando que ele não será capaz de ter filhos e terá de treinar o segundo filho de alguém. Está constantemente a enxotá-los da sua fogueira e a dizer-lhes para irem brincar.

— Temos de ir? — pergunta.

Ela lembra-se de Janet a dar à luz o seu último deficiente, o que foi horroroso e repugnante.

— É o nosso dever — diz a mãe, o que quer dizer que sim.

— Posso ir para a biblioteca?

— Se tiveres as mãos muito limpas — responde a mãe. Vanessa recita a frase seguinte para com os seus botões, ao mesmo tempo que a mãe a profere. — Quero que te lembres da sorte que tens por teres livros à mão de semear. Mais ninguém na ilha tem esse privilégio.

Todos os andarilhos são, também, colecionadores. Como poderiam não ser, se percorrem os detritos de uma civilização passada? Cada família de um andarilho não só herda um monte de tesouros,

como o aumenta de cada vez que o andarilho visita as terras devastadas. Às vezes, são apenas uma miscelânea: finos pratos floreados, joias cintilantes e bocados de máquinas. Outras, têm um tema; os andarilhos Aaron têm retratos e esculturas de cavalos, com as suas pernas fortes a esticarem-se enquanto os seus pescoços delicados se arqueiam para diante, o que é estranho para as crianças da ilha, que nunca viram nada maior do que uma ovelha nem mais rápido do que um cão. O pai, como todos os Adams desde o seu antepassado original, traz livros. A biblioteca deles é quase tão grande como todas as demais divisões da casa juntas. O pai escondeu alguns livros numa arca fechada, dizendo que só devem ser vistos por andarilhos, e Vanessa nunca foi capaz de destrancar o cadeado. Mas a maior parte dos livros são apenas histórias, e esses ele mantém orgulhosamente alinhados em estantes simples que percorrem todas as quatro paredes. Os livros são impressionantes na sua variedade: alguns tão minúsculos como a palma de uma mão, alguns tão grandes que Vanessa tem de encostá-los ao estômago para levantá-los. Estão cobertos por um couro amanteigado, mais elegante do que ela alguma vez viu, ou por um pano tecido tão apertadamente que faz doer os olhos distinguir a teia da trama, ou por papel espesso salpicado por ilustrações que nunca se esbatem. Vanessa acha que o mais bonito é o livro que tem uma fina camada de ouro nas periferias das suas páginas, pelo que, quando está fechado, parece um tesouro reluzente. Apesar da sua glória exterior, *As Inovações do Sacro Império Romano-Germânico* não tem quaisquer imagens que digam a Vanessa o que foi o Sacro Império Romano-Germânico, nem quaisquer definições que expliquem, exatamente, o que é que este inventou.

O pai raspa as datas de publicação de todos os seus livros, dizendo que os anos das terras devastadas não significam nada, mas deixa lá os nomes dos autores e tudo o mais. Os nomes espantam Vanessa pela sua estranheza. Maria Callansworth. Arthur Breton. Adiel Waxman. Salman Rushdie¹. Na ilha, toda a gente tem o apelido de um antepassado. Os nomes próprios são aprovados pelos

¹ Escritor britânico de origem indiana, nascido em 1947. [N. do T.]

andarilhos, os nomes de alguém da ilha que já tenha morrido. Vanessa acha que o seu nome é aborrecido; preferia, e muito, chamar-se Salman.

Eles têm livros na escola, livros enormes que os estudantes partilham durante as aulas. Na escola, não raspam as datas, mas isso não quer dizer grande coisa porque ninguém sabe em que ano é que os antepassados chegaram à costa. Tal como nos livros do pai, os nomes dos locais de publicação são excitantes e impossíveis de pronunciar. Filadélfia, Albuquerque, Quebeque, Seattle. Os estudantes inventaram histórias acerca de como eram esses sítios antes de se terem tornado terras devastadas. Filadélfia tinha edifícios altos feitos de ouro que brilhavam ao sol; Albuquerque era uma floresta sempre a arder; Quebeque tinha uns verões tão frios que as crianças congelavam e morriam em segundos se fossem à rua; Seattle ficava debaixo do mar e enviava livros para terra, cá em cima, através de túneis de metal.

Vanessa acha muitos dos livros da biblioteca do pai aborrecidos. Certa vez, ele deu-lhe um que disse ser bom para raparigas, mas era todo acerca de pessoas que nunca se tratavam pelos seus nomes próprios e que nunca pensavam em nada exceto casarem-se (coisa cujo processo parecia assustadoramente complicado). O pai divertiu-se com o relato dela e deu-lhe *Apelo da Selva: o grito da floresta*², que ela leu oito vezes. Existem cães na ilha, mas não são enormes, ferozes e fortes como os do livro. Ela aprendeu tanto com ele: tudo acerca de trenós, e competições, e fogueiras ao ar livre, e lobos. Às vezes, ela sonha consigo própria sozinha ao frio, caminhando pelo vazio nevado, com lobos tensos e selvagens a seu lado.

Hoje, Vanessa escolhe um livro chamado *Picasso Cubista*³ e folheia as ilustrações. As primeiras páginas encontram-se rasgadas, e o resto são só imagens. O pai diz que não sabe o que significa Cubista ou Picasso. Ela gosta dos quadros estranhos que mostram coisas que não existem, pessoas crescidas com olhos de um lado da

² Livro de Jack London, editado em Portugal pela Europa-América. [N. do T.]

³ Livro de Anne Baldassari, diretora do Museu Picasso de 2005 a 2014. [N. do T.]

cabeça, como deficientes. Certa vez, Lindy Aaron deixou-a tocar num quadro, muito embora não fosse suposto fazê-lo, e este pareceu-lhe áspero e espesso sob os seus dedos. Estas imagens parecem-se com o quadro em que tocou, por isso pensa que dariam a mesma sensação, mas debaixo da sua pele há apenas papel.

Passado um bocado, Vanessa cansa-se de estar para ali, e vai lá para fora. Quintas e jardins estendem o seu verde em padrões irregulares sob o sol enevado, e os pomares do Saul são uma linha desbotada e escura no horizonte. Dado que o pai é um andarilho, recebe um tributo regular de todas as famílias da ilha, que consiste nos alimentos mais frescos e deliciosos que os campos, os jardins e o mar têm para oferecer; por conseguinte, a família de Vanessa só precisa de ter uma pequena horta, e as ervas cremes ondeiam e inclinam-se ao vento ao redor da casa deles.

Uma cadela está a trotar por ali, castanha e magra. Vanessa chama-a e a cadela aproxima-se, alegremente. É a *Reed*, um dos cães dos Joseph. *Reed* coloca a sua grande cabeça sobre o esterno de Vanessa e grunhe, e contorce-se como se estivesse a tentar perfurar-lhe a caixa torácica. Ela coça-lhe as orelhas, e o calor da testa de *Reed* espalha-se através dela. Vanessa gostava de ser um cão; a única coisa que alguma vez teria de fazer seria correr e comer coisas. Muito embora tantas ninhadas de cachorros sejam afogadas que ela teria de ter sorte para chegar a ser cão.

O jantar é carneiro com batatas. Vanessa não gosta de carneiro, embora a mãe lhe diga sempre para estar agradecida por qualquer carne que comam. As suas tentativas para estar agradecida têm falhado: o carneiro sabe a terra. O pai come-o com gosto, cerrando os dentes sobre as fibras e mastigando com avidez. Olhando em redor, ela vê bocas a mastigarem, cerrando-se sobre a carne e transformando-a numa papa, e aperta os maxilares para contrariar o estômago que se revira. Mordisca uma batata com manteiga e um pouco de pele de carneiro, queimada e estaladiça. Por fim, o pai repara e diz:

— Vanessa.

Forçando o carneiro a descer, Vanessa mal mastiga, fingindo ser um cão. Os cães não mastigam, limitam-se a engolir.

— Queres alguma coisa para te ajudar a dormir hoje à noite? — pergunta a mãe.

O pai franze o sobrolho. Ele acha que o xarope para dormir é desnecessário e fica sempre desapontado quando Vanessa o toma. Vanessa acena com a cabeça à mãe, tendo o cuidado de não olhar para ele. O seu copo de leite da noite tem um sabor amargo e acre.

Nessa noite, Vanessa mal acorda. Quando tal acontece, o vento está a fazer com que tudo se mova ritmicamente e os ramos das árvores estão a bater contra as paredes. *Já é quase verão*, pensa, e, então, a escuridão volta a apossar-se dela.

CAPÍTULO 2

Vanessa

A igreja está enfiada no chão até meio. A mãe diz que, quando era criança, estava quase toda acima do chão, mas desde essa altura tem andado a afundar-se.

Quando os antepassados vieram para a ilha, construíram uma enorme igreja de pedra, ainda antes de terem construído as suas próprias casas. O que eles não sabiam era que um edifício assim tão pesado se afundaria para dentro da lama, durante as chuvas de verão. A enorme igreja desaparecia lentamente sob a superfície, com os seus paroquianos a, inconscientemente, curvarem cada vez mais os ombros, à medida que a luz que passava pelas janelas ficava obliterada, como uma cortina negra que corresse para cima. Destemidos, os construtores acrescentaram mais pedras, e a igreja, em resposta, continuou a afundar-se. Aproximadamente a cada dez anos, quando o telhado está quase ao nível do chão, reúnem-se todos os homens da ilha para construir muros de pedra por cima dela, e o telhado torna-se o novo chão. Vanessa perguntou à mãe porque é que não se podiam limitar a usar madeira, mas a mãe disse que era a tradição, e que seria desrespeitoso para os antepassados mudarem-na. Todas as pedras elegíveis da ilha foram, há muito, postas com argamassa nos muros desaparecidos da igreja. Os andarilhos têm de trazer pedras novas, aos poucos, das terras devastadas; se tentassem trazê-las todas ao mesmo tempo, isso afundaria o barco.

Vanessa não consegue evitar pensar que, se fosse ela a mandar, construí-la-ia de um modo algo diferente, para que pudesse durar mais. Mas suspeita que, quando for mulher, não verá qualquer problema no atual método de construção da igreja. Ela nunca viu um

adulto expressar nada que não fosse entusiasmo acerca do processo de a igreja ser erigida e, depois, afundar-se.

As pedras que os andarilhos trazem para a ilha são bonitas e multicolores, e Vanessa acha a sua textura agradável, dado o modo como sobressaem das paredes de barro. Gosta de passar as mãos pelas pedras mais lisas, do mesmo modo que gosta de esfregar um seixo perfeitamente arredondado que guarda no bolso. Uma pedra tem o fósfil de uma pequena enguia impresso nela, e todas as crianças gostam de olhar fixamente para os padrões elegantes das suas espinhas.

É desapontante descer o longo lanço de escadas para dentro do escuro edifício. As janelas são construídas cuidadosamente, a partir de grandes fragmentos de vidro, o que faz com que pareçam rachadas, como se alguém as tivesse partido e voltado a vedar. Presentemente, estão meio enterradas em lama negra. A luz do sol paira perto do teto, ténue, espalhando-se em véus delicados. Vanessa observa sempre as janelas atentamente, ainda que esteja a escutar o sermão. Letty jura que, certa vez, um animal enorme, como um grande verme com dentes, nadou para cima, em direção a uma vidraça, até ter a sua barriga branca encostada a ela, contorcendo-se e mordendo até se ter ido embora a serpentear. Existem muitas lendas acerca de enormes criaturas subterrâneas, maiores do que a própria igreja; elas deslizam pela lama estival, enrolando-se à volta de crianças, num abraço suave e musculado, e depois engolem-nas inteiras.

Os bancos da igreja são de madeira polida, a mais macia que se encontra na ilha. Embora estejam desgastados pelas impressões de centenas de nádegas, Vanessa continua a remexer-se desconfortavelmente; nunca consegue encontrar um sítio onde assentar. O Pastor Saul encontra-se no seu atril, enquadrado pela enorme parede de pedra atrás de si.

Como de costume, está a falar acerca dos antepassados.

— Eles vieram de uma terra onde as famílias tinham sido separadas, onde os pais e as filhas estavam afastados, onde os filhos abandonavam as suas mães para morrerem sozinhas. Os nossos antepassados tiveram um sonho, um sonho que não podia ser satisfeito

num mundo de chamas, guerra e ignorância. O fogo e a pestilência que se espalharam por toda a terra só eram suplantados pelo fogo e pela pestilência dos pensamentos e dos atos que pairavam como um fumo negro.

Existe uma velha tapeçaria, frágil como a asa de uma mariposa e colossal como uma nuvem, pendurada com cuidado na parede atrás dele. Representa a fundação da ilha, com cada antepassado definido por uma cor de cabelo ligeiramente diferente. Os antepassados desembarcam na costa, constroem a igreja, constroem as suas casas, têm filhos, encontram-se com outras crianças debaixo das árvores de fruto, andam por ali a domar a natureza ou a gritar aos pássaros (é difícil perceber), confortam os velhos, morrem, e sobem aos céus. Os panos usados para a tapeçaria, embora desbotados e esfarrapados, continuam a ser deslumbrantes: um tecido verde e felpudo com fios dourados cintilando ao longo dele, um pano castanho, salpicado pela água, espesso e escorregadio como uma peça de carne, um amarelo-claro que Vanessa sabe que foi, outrora, dourado e exuberante como um pôr do sol.

Alma Moses, também filha de um andarilho, disse certa vez a Vanessa que o pai dela mencionou uma máquina que corra mal nas terras devastadas e transformara tudo em chamas. Que praticamente todo o mundo ardera. Muito do que o pastor diz dá essa ideia. Primeiro o fogo, depois a pestilência. A calamidade. Mas, por outro lado, os andarilhos vão constantemente às terras devastadas e regressam com panos, metais, papéis, até animais, nenhum dos quais apresenta sinais de imolação. Talvez tudo tenha ardido e depois voltado a crescer. Hannah Solomon, outra filha de um andarilho, disse que o pai dela lhe contou que foi uma doença, uma doença que apodrecia a carne e matava as pessoas muito rapidamente. Outra rapariga, June Joseph, disse que, depois, as pessoas mortas se erguiam e andavam por ali desengonçadas, ateando fogo às coisas com os seus olhos até que os seus corpos apodrecessem, mas June é conhecida por exagerar e, seja como for, o pai dela é criador de cabras.

Agora, o pastor está a falar acerca das mulheres, o que, tanto quanto Vanessa repara, é o seu assunto preferido. Isso perturba-o

mais do que qualquer outra coisa. Ela imagina-o a caminhar pelo seu quarto, à noite, vilipendiando a sua mulher, quando a única coisa que esta deseja é ir dormir. Ele tem dois filhos, pelo que ela deve ser a única mulher disponível para repreender.

— Quando uma filha se submete à vontade do seu pai, quando uma mulher se submete ao seu marido, quando uma mulher é ajudante de um homem, estamos a venerar os antepassados e o seu sonho. Os nossos antepassados estão sentados aos pés do Criador e, à medida que os corações deles se aconchegam, eles, por sua vez, aconchegam o Dele. Estas mulheres veneram os antepassados a cada ação correta, a cada intenção correta. Por certo, os antepassados abrirão os portões do céu, e os avós dos nossos avós dar-nos-ão as boas-vindas de braços abertos.

Vanessa sente o pai a olhar fixamente para ela e, relutantemente, para de olhar para fora da janela.

— Só quando estes atos de submissão são realizados de coração aberto e com a mente solícita — continua o pastor —, só quando isso é feito com um espírito virtuoso, é que podemos alcançar a verdadeira salvação.

Ela sabe que, se não formos salvos e seguirmos para o céu, deslizamos para dentro das trevas, nas profundezas, para sempre. Certa vez, antes de começar a ter o seu pesadelo, perguntou à mãe se isso significava ir para debaixo do solo, onde os monstros viviam. A mãe riu-se, mas, depois, pôs-se séria e disse que talvez. Graças ao seu sonho, agora Vanessa está intimamente familiarizada com a escuridão das profundezas e com o terror que esta acarreta. Ela esforça-se por ser sempre virtuosa, especialmente nos seus pensamentos. Imagina o seu antepassado, Philip Adam, a escrutinar cada pensamento impróprio que lhe vem à cabeça e a fazer uma marca a negro num pedaço de papel.

— Homens, nós não somos alheios a isto — avisa o pastor. — Temos de tratar as nossas filhas com bondade e sensibilidade. Não devemos magoá-las por capricho, nem causar-lhes dano, mas sim lidar com elas como os antepassados definiram quando abandonaram uma terra hostil. Temos de entregá-las ilesas, sensatas,

e amadas aos seus maridos. Temos de fazer com que as nossas mulheres se sintam bem tratadas, tão bem tratadas como se sentiam nos braços dos seus pais, quando eram criancinhas.

Vanessa vira-se para olhar para trás, para Caitlin Jacob, que tem sempre nódoas negras com a forma de impressões digitais nos braços, exatamente ao mesmo tempo que as pessoas que estão sentadas ao pé de Caitlin viram as cabeças para olhar para outra coisa qualquer.

— A nossa sociedade está edificada sobre as nossas mulheres — diz o pastor —, sobre filhas zelosas e esposas zelosas, mas nós temos de ajudá-las e protegê-las. Temos de ser bons pastores. Temos de lembrar-nos dos ensinamentos dos antepassados, e da razão pela qual vieram para esta terra.

Ocorre um movimento no canto do campo de visão de Vanessa, e ela apercebe-se, sobressaltada, de que Janey Solomon está a olhar fixamente para ela, alguns bancos de igreja mais para o lado. Vanessa e Janey são as únicas raparigas da ilha que têm o cabelo ruivo, o que lhes confere um certo estatuto do qual desfrutariam ainda que não tivessem os seus outros atributos. O de Vanessa é de um óbvio castanho-escuro avermelhado, que ela acha aborrecido quando comparado com o cabelo de Janey, que arde como fogo. De um ruivo que é quase cor de laranja, este brilha e faísca, com os seus fios acobreados espetados para fora. Ela parece emitir a sua própria luz, a partir do local onde se encontra sentada.

Hesitantemente, Vanessa olha para os olhos de Janey, que são cinzentos ao ponto de serem quase incolores, e, subitamente, as suas pupilas dilatam-se até os seus olhos parecerem pretos. Franzindo o sobrolho, Vanessa lembra-se da última vez que Janey olhou fixamente para ela, há muitos, muitos anos, e do que aconteceu depois ao seu pai, nessa mesma semana. O seu coração bate mais depressa. Conseguirá Janey prever o futuro?

Toda a gente tem medo de Janey. Ela ainda não é fértil, com a idade de 17 anos, o que é inaudito. Dizem que ela não come quase nada, para evitar que tal aconteça, apenas o suficiente para manter os olhos abertos e o sangue a correr-lhe pelas veias. Certa vez,

Vanessa experimentou fazê-lo, para ver como seria não comer quase nada. Ficou cansada e com fome ao chegar a tarde, e acabou por comer dois jantares.

Parte da aura de intimidação de Janey deriva de memórias estivais. Quando o verão chega, Janey e a sua irmã mais nova, Mary, são imparáveis. Até os rapazes têm medo delas. Dizem que Janey arrancou o olho ao Jack Saul e depois fingiu que tinha sido um acidente. Dizem que o pai dela tem tanto medo da filha que nem sequer fala dentro de casa. Dizem que nunca ninguém lhe tocou sem que se arrependesse disso.

E, agora, ela está a olhar fixamente para si. Com falta de ar, Vanessa olha para trás e depois desvia o olhar, incapaz de ir ao encontro daquela mirada negra. O que é que ela quer? Vanessa olha para outro sítio até se sentir tonta e, então, volta a olhar para ela. Mas, agora, apercebe-se de que Janey está a olhar fixamente para lá dela, para outra pessoa — ou talvez não esteja a olhar para nada e esteja a dar voltas à sua cabeça estranha e impetuosa.

Vanessa observa a trança incandescente de Janey, tão vivamente colorida que parece mover-se, contorcendo-se e serpenteando-lhe por cima do ombro. Quando chega a altura de se porem de pé, Vanessa esquece-se de se levantar até o pai lhe tocar no ombro. Dá um pulo.

Está na hora da leitura das leis da ilha, a que o pastor chama mandamentos dos antepassados, e a que as demais pessoas chamam os não-fareis. *Não roubareis. Não escutareis às portas dos vossos vizinhos. A mente de Vanessa vagueia levianamente enquanto a sua boca forma palavras tão familiares que seria capaz de recitá-las durante o sono. Não desobedecereis aos vossos pais. Não entrareis em casa de outro homem sem serdes convidados. Não tereis mais de dois filhos. Não deixareis de dar aos vossos andarilhos o prémio devido.* Existem imensos não-fareis, mas ela não se consegue lembrar de um tempo em que não os soubesse. Certa vez, o pai disse-lhe que só costumava haver cerca de dez, mas que esse número cresceu à medida que a sabedoria dos andarilhos aumentou. A voz da congregação avoluma-se para apoiar o seu murmúrio distraído. *Não esqueceréis os vossos antepassados. Não tocareis numa filha que sangrou até que esta entre no seu verão de fruição.*

Vanessa pergunta-se, como faz sempre, porque é que os mandamentos usam palavras como «vós» e «vossa» quando ela nunca ouviu ninguém falar assim, a não ser quando recitam os não-fareis. Nem sequer o pastor fala assim. Ela imagina-se a dizer a Fiona: «Convidar-me-eis para vossa casa depois da escola, para que possa brincar com o vosso cão e comer os vossos biscoitos?» e tem de morder a língua para evitar rir entre dentes. Uma bebé começa aos gritos, um uivo demorado que se torna ritmado à medida que a sua mãe começa a abaná-la, murmurando-lhe os não-fareis para a cara, como se fossem uma canção de embalar. *Não permitireis que as vossas mulheres se percam em pensamentos, atos, ou em corpo. Não permitireis que as mulheres que não sejam irmãs, filhas, ou mães se reúnam sem um homem para orientá-las. Não matareis.*

Depois dos não-fareis, é passado o prato da coleta, e a agulha. O pai tem-na no colo e está a chupar o sangue do seu dedo. Não é preciso fazê-lo até se chegar à idade fértil, mas Vanessa, sempre precoce, começou quando tinha 8 anos. Pega cuidadosamente na agulha, insere-a na polpa do dedo, e espreme uma gota para dentro da poça vermelha e gelatinosa. Depois, o sangue coagulado será deitado sobre um campo cultivado que esteja em dificuldades. Para Vanessa, cuja família nunca teve de agricultar, os campos de cultivo são grandes buracos para dentro dos quais se atira todo o lixo: fezes dos animais, dejetos humanos, sangue, cadáveres. Ela tenta não pensar no facto de a sua comida também vir desses buracos.

É proibido falar depois da cerimónia, até que o culto doméstico seja completado. A ponta do seu dedo sabe a metal. Pondo-se de pé, as pessoas saem dos bancos da igreja e sobem a longa escadaria rumo à entrada. Esperançosa, Vanessa olha de relance para o céu, mas este está azul claro. Ela cheira o calor no vento. As últimas semanas antes do verão são sempre as piores.

Caminham silenciosamente para casa, acenando com a cabeça a outras famílias que se dirigem à igreja; as cerimónias suceder-se-ão toda a manhã. Quando chegam a casa, o pai abre a sala do altar, que tem uma entrada autónoma. A maior parte das casas não tem salas especiais para os seus altares, mas o pai construiu uma quando

Vanessa era bebê e os outros andarilhos depressa lhe seguiram o exemplo. A mãe limpa-a dedicadamente, com um trapo e água com sabão, mas ela fica sempre empoeirada. Os grãos dão voltas e mais voltas, brilhando ao sol como minúsculos pássaros imponderáveis.

O altar é feito de madeira leve, polida e talhada de um modo que Vanessa nunca viu um entalhador da ilha alcançar; é uma peça que o pai descobriu nas terras devastadas. Encostado ao altar, encontra-se um exemplar esfarrapado d'*O Nosso Livro*. Os originais desfizeram-se em pó, e parte das obrigações do pastor consiste em copiar, cuidadosamente, novos exemplares. Junto deste acha-se uma vela de cera de abelha, salpicada com pequenos pontos negros — os mosquitos devem ter encontrado o caminho para dentro da cera enquanto esta arrefecia —, e um retrato do primeiro Adam, o Philip Adam, e da sua família. O pai diz que não se trata de um desenho, mas sim de um modo de captar um dado momento que as pessoas usavam antes da calamidade. Parece-se com as imagens dos livros escolares, mas lustrosa, nítida e viva. Vanessa presume que isso significa que, nessa altura, as pessoas eram quase deuses. De que outro modo conseguiriam aprisionar o tempo no papel?

Philip Adam está de pé, alto, forte e louro, sorrindo como se estivesse prestes a rir. A sua mulher, de cabelo escuro, encontra-se parcialmente virada na sua direção, olhando-o com olhos adoradores, e com as mãos colocadas, ao de leve, sobre o seu flanco. Junto a eles, encontra-se um rapaz magricela, alto, mas sem largura, sorrindo desajeitadamente e exibindo demasiados dentes. Do outro lado, acha-se a sua filha, magra como a sua mulher, demasiado magra. Também é morena, com os seus olhos sombreados semelhantes a buracos na cabeça, e a sua boca parecendo uma linha escura. A seus pés, um bebê, com um impossível tufo de cabelo louro, parece atento. Naquela altura, era permitido ter mais do que dois filhos.

Na ilha, venerar Deus é tão útil como venerar o sol: é pouco provável que as palavras de louvor ou as palavras de súplica comovam qualquer um deles. Deus encontra-se nas alturas, inalcançável, um criador sem nada mais para criar, um pai que, há imenso tempo, perdeu o interesse pelos seus filhos. São os antepassados, esses

homens devotos de outrora, que protegem os mortais da ilha. São os seus braços fortes e capazes que acolhem os mortos no céu ou que os arremessam para a escuridão das profundezas. Qualquer oração passa dos seus lábios para os ouvidos de Deus, tal como acontece com quaisquer lapsos ou blasfêmias. «Os antepassados veem tudo, em toda a parte da ilha», diz *O Nosso Livro*, e, durante algum tempo na sua infância, Vanessa tinha a impressão de defecar frente a uma audiência de antepassados judiciosos.

Neste preciso momento, cada família estará a venerar o seu antepassado. Outras famílias estão a olhar para desenhos ou relíquias do Philip Adam, um dos primeiros dez antepassados, e a oferecer-lhe as suas palavras de veneração. De um certo modo, parece ser licencioso o facto de mais do que uma família poder chamar seu ao Philip Adam. Quando Vanessa se casar, louvará um antepassado diferente, o que será estranho; passou tanto tempo a olhar para o milagroso retrato do bonito homem louro que se preocupa com o facto de o próximo antepassado poder ser uma decepção. Dizem que o Philip Adam era um génio. Que não dormia, noites a fio, rabiscando abundantes notas que acabariam por ser condensadas n' *O Nosso Livro*, entrando depois em transe, tendo de ser alimentado e limpo enquanto chorava. Ele reuniu os outros antepassados e instou-os a irem para a ilha antes do apocalipse que previu. Foi, também, o primeiro pastor, e projetou a primeira igreja.

— Em teu nome, Philip Adam — diz o pai, ajoelhando-se sobre o pó e tocando no retrato com um dedo reverente. — Em teu nome.

— Em teu nome — papagueiam a mãe e Vanessa, ao passo que Ben diz:

— Em nome.

— Primeiro antepassado, dá-nos força. Ensina-nos a sabedoria. Ergue os teus braços para Deus, e trá-Lo para as nossas vidas, envolve-O nos nossos pensamentos, e coloca-O dentro dos nossos peitos. Deixa que os homens sejam fortes como árvores, e as mulheres como videiras, e que as crianças sejam o nosso fruto. E, quando nos afundarmos na terra, reúne-nos nos teus braços e leva-nos para o

domínio de Deus, e não nos permitas olhar para baixo, para dentro da escuridão das profundezas.

— Ámen — dizem a mãe e Vanessa.

Ben distraiu-se com uma pequena mariposa cintilante. A mãe belisca-o, mas isso só faz com que ele uive e cerre os seus pequenos punhos.

CAPÍTULO 3

Amanda

A Sra. Saul, mulher do andarilho, com a sua cara magra e pálida e a sua língua afiada, não é a pessoa que Amanda teria escolhido para realizar o ritual, mas estava disponível e Amanda estava impaciente. Entram no edifício dos partos, com a vela de Amanda a tremeluzir e a dançar ao de leve sobre as paredes muito bem isoladas. A madeira está impregnada com o cheiro caduco e metálico do sangue seco, resquício de centenas de crianças aos gritos e de mães em pranto. Amanda franze o nariz; a Sra. Saul repara e diz:

— Nunca assististe a um parto?

Amanda não responde. Assistiu, uma vez. A mãe levou-a, para demonstrar que estava a realizar as suas obrigações maternas, muito embora Amanda suspeite que não tenha enganado ninguém. Ficaram caladas e taciturnas enquanto Dina Joseph, a mulher do criador de cabras, gritava e se debatia e paria uma criança morta, azul-escura com riscos de uma baba escarlate e branca. Dina soluçou, e Amanda sentiu-se irritada por ser forçada a testemunhar aquele sofrimento brutal e sangrento. Olhou de relance para a mãe, que parecia aborrecida, e, subitamente, pensou: *Nós somos umas verdadeiras deficientes. Pelo menos, quando estamos juntas.* Como se lhe lesse o pensamento, a mãe encarou-a, severa, e Amanda voltou a olhar, fixa e sombriamente, para o monte de carne azul e de sangue que se encontrava nos braços trémulos de Dina, que olhava destrocada para a criança morta.

A Sra. Saul suspira.

— Conheces o ritual?

Amanda ouviu as histórias na escola, acerca de bebés que são arrancados de dentro de mulheres aos gritos, examinados, e voltados a colocar lá dentro, mas não confia nos seus informadores.

— Na verdade, não.

— Bem, não importa — diz, abruptamente, a Sra. Saul. — Isto não te matará e, depois, ficarás a saber. Mas assegura-te de que fica em segredo. Os homens não sabem disto, nem devem saber. Isto é um assunto de mulheres. Nós é que temos de nos preparar.

Amanda acena com a cabeça.

— Sra. Saul?

— Agora, és uma adulta — responde a Sra. Saul —, e podes chamar-me Pamela.

— Hum — murmura Amanda. A ideia de tratar a Sra. Saul pelo seu nome próprio parece-lhe blasfema. — Porque é que tem de ser a mulher de um andarilho?

— Preferias que fosse outra pessoa? — indaga a Sra. Saul, glacialmente.

— Não, não, não é isso — mente Amanda. — Estou só a questionar-me. Porquê?

— Porque, como mulheres de andarilhos, nós detemos um poder, e somos uma espécie de andarilhas entre as mulheres — diz a Sra. Saul, imponentemente, e Amanda acena com a cabeça, embora tenha dúvidas acerca da exatidão daquela comparação.

Estão caladas, inspirando o ar ensanguentado, e, então, a Sra. Saul diz:

— Tens a certeza de que queres fazer isto? Muitas não querem. Não há nada de errado em esperar até ao parto.

— Sim. Tenho a certeza. — Amanda faz uma pausa. — O que é que faço?

— Primeiro, despe o vestido.

Amanda agarra na bainha da sua saia, puxa-a por cima da cabeça e depois, à cautela, desaperta o tecido que lhe amarra os seios inchados, de modo a ficar nua. A Sra. Saul olha-a de soslaio e diz:

— Estás com cerca de quatro meses?

— Mais ou menos.

— Tens 13 anos? Catorze?

— Quase 15.

— Uma boa idade para teres a tua primeira criança. Deita-te aqui, deixa-me ir buscar um bocado de palha. — A Sra. Saul coloca um monte de feno no centro da sala. — Encosta-te, com as pernas direitas. — Amanda obedece, mirando o teto sombrio. — Isto vai ser doloroso.

— Eu consigo aguentar a dor — responde Amanda, tensamente.

— Acredito que sim — diz a Sra. Saul, e Amanda olha fixamente para ela, desconfiada.

Estará a Sra. Saul a fazer-lhe um elogio?

Metendo a mão no bolso do seu vestido, a Sra. Saul tira de lá uma pequena faca, instantaneamente resplandecente devido aos reflexos das velas que avançam e dão voltas pelo metal ondulado. Levando-a ao esterno de Amanda, ela começa a cantar.

Não canta palavras, mas antes uma canção com sílabas disparatadas, uma melodia que vacila como a luz da vela. Ela tem uma voz grave, rouca e bonita, que Amanda nunca imaginou que pudesse emergir da garganta ácida da Sra. Saul. A faca desce, ao de leve, desde o esterno de Amanda até ao sítio onde o inchaço da sua barriga se curva para cima. Respirando fundo, a Sra. Saul começa a cortar. Não corta o músculo, mas apenas o suficiente para romper as camadas de pele, e o sangue começa a gotejar e a avolumar-se em esferas lustrosas e vermelhas. Amanda está hipnotizada pela lenta incisão, pela linha gelada na sua pele que começa a ferver e a fumejar em agonia, à passagem da faca.

— Respira — diz a Sra. Saul, parando a meio da canção, e Amanda fá-lo.

Quando a Sra. Saul termina, Amanda olha para baixo, para si própria. A Sra. Saul cortou uma linha impossivelmente impecável e direita pelo seu estômago arredondado abaixo, até lhe chegar ao púbis. A canção embala-a, leva-a para trás e para a frente, em direção à dor e para longe dela. O sangue fresco escorre para baixo, de ambos os lados da sua barriga, riscando-lhe as costelas e transformando-a num qualquer animal estranho e impercetível.

A Sra. Saul faz uma pausa na sua canção, e Amanda aproveita a oportunidade para sussurrar:

— E agora?

Mas a Sra. Saul limita-se a encará-la e recomeça a cantar. Abre um saco de pano, pequeno e espesso, e inspira como que para se preparar. A sua mão viscosa ergue-se com um punhado de qualquer coisa branca e cristalina e ela esfrega-a e empurra-a, rápida e violentamente, para dentro da ferida de Amanda.

Gritando, Amanda arqueia-se, sentindo-se fendida, com aquele tormento a enterrar-se cada vez mais fundo na sua carne. A linha de dor floresce, e uma abrasadora flor carmesim derrama-lhe motivos ocultos na barriga, que lhe ardem até aos ossos. Ela não consegue ter fôlego suficiente para gemer toda a sua agonia, e ofega, soluça, asfixia.

— Respira — diz a Sra. Saul.

Amanda tenta virar-se, mas as mãos da Sra. Saul encontram-se firmemente sobre o seu abdómen, pressionando de ambos os lados. Ela não sabe bem quanto tempo passa ali deitada, contorcendo-se e ofegando como um peixe fora de água e estripado. À medida que a dor começa a diminuir, suavizando-se e regredindo, onda após onda, a sua atenção fixa-se nas mãos da Sra. Saul.

— O que é que sente? — sussurra.

Consegue perceber pela cara da Sra. Saul. Cerrando os olhos com força, ela tenta movimentar algo nas suas entranhas, empurrar o seu bebé para a vida. Passados alguns minutos, volta a abrir os olhos e vê que a Sra. Saul tem lágrimas a correrem-lhe cara abaixo.

— É uma rapariga — diz Amanda, acusadoramente.

— É uma rapariga — diz a Sra. Saul, acenando com a cabeça, terminada a sua canção. — Não se mexeu, de todo. Limitou-se a ficar calada e quieta, apesar da dor. É uma rapariga, que os antepassados lhe valham.

— Os antepassados não ajudam ninguém! — grita Amanda e, pela cara da Sra. Saul, apercebe-se de que foi longe demais.

— Que eles te perdoem — diz a Sra. Saul, em voz alta, enfatizando cada palavra.

— Que eles me perdoem — repete Amanda, resignadamente.

A sua barriga manchada de sangue dói-lhe e dá-lhe pontadas, e ela rebenta em lágrimas. A Sra. Saul vai para junto da sua cabeça e faz-lhe festas no cabelo, tranquilizadamente.

— Não faz mal, Amanda — sussurra ela. — Nós fomos raparigas. E estamos agora aqui. As nossas filhas resistirão. Pensa nos verões, pensa no amor que sentirás por ela.

Amanda só consegue pensar é num inverno desgraçado, no tempo que passará presa à cama por laços de sangue, cerrando os dentes contra um grito, uma e outra e outra vez.

Não o farei, pensa ela. *Não o farei*. E, depois, *Pelos antepassados, terei de voltar a fazer tudo isto*. Chora com um sofrimento tão forte que lhe corre pelas veias como uma doença. A Sra. Saul coloca os braços à volta de Amanda, de novo reclinada, e encosta a cabeça ao seu pescoço. O seu cabelo cheira, reconfortantemente, a leite de cabra, a pó e a sal.

— Chora agora — sussurra a Sra. Saul. — Chora profundamente. Quando tiveres acabado, levanta-te e volta para o teu marido com uma cara alegre. Aguenta. Eu fi-lo e tu também o farás.

A filha de Amanda, demasiado tarde, dá pontapés e vira-se no seu útero.

NÃO DESOBEDECEREIS AOS VOSSOS PAIS.



**NÃO ENTRAREIS EM CASA DE OUTRO HOMEM
SEM SERDES CONVIDADOS.**



NÃO TEREIS MAIS DE DOIS FILHOS.



**NÃO TOCAREIS NUMA FILHA QUE SANGROU ATÉ QUE
ESTA ENTRE NO SEU VERÃO DE FRUIÇÃO.**



**NÃO PERMITIREIS QUE AS VOSSAS MULHERES SE
PERCAM EM PENSAMENTOS, ATOS, OU EM CORPO.**



**NÃO PERMITIREIS QUE AS MULHERES QUE NÃO SEJAM
IRMÃS, FILHAS, OU MÃES SE REÚNAM SEM UM HOMEM
PARA ORIENTÁ-LAS.**



NÃO MATAREIS.



JENNIE MELAMED

É autora e enfermeira psiquiátrica.
Durante o seu doutoramento, investigou
os aspetos antropológicos, biológicos
e culturais do abuso de crianças.

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20/20 editora

ISBN 978-989-8869-56-2



9 789898 869562

Literatura Traduzida